



A TEMÁTICA DA GUERRA NO MODERNISMO BRASILEIRO: UMA POÉTICA BÉLICA?

Idemburgo Pereira Frazão¹

Resumo: A experiência da guerra tem servido como temática de inúmeras obras artísticas de grande importância da literatura mundial. Um bom exemplo disso se encontra nas pinturas de Picasso, como Guernica, sua obra revolucionária, que apresenta de forma cubista, os horrores da Guerra Civil Espanhola. Mas, como se sabe, não apenas o cubismo de Picasso tornou a Guerra uma das temáticas recorrentes da primeira metade do século XX. O próprio surgimento - e a vigência das vanguardas europeias -, instaura-se a partir da indignação em relação às atrocidades da guerra, vivenciadas pela Europa. Também o dadaísmo e o surrealismo, inspiram-se no absurdo da guerra, em suas criações. Herdeiros e/ou interlocutores das vanguardas, os poetas modernistas brasileiros também retrataram as consequências e os terrores das guerras em suas obras. O presente texto intenta refletir, partindo da interpretação de três poemas escolhidos, da autoria de Vinícius de Moraes, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, sobre a presença da guerra enquanto temática importante não apenas como repúdio e crítica, mas, principalmente, como propulsora de ações e criações artísticas no segundo modernismo brasileiro (1930-1945).

Palavras-chave: Guerra, modernismo brasileiro, poesia

63

THE THEME OF WAR IN BRAZILIAN MODERNISM: A POETIC WAR?

Abstract: The experience of war has served as a theme of numerous artistic works of great importance in world literature. A good example is found in Picasso's paintings, such as Guernica, his revolutionary work, which features in a Cubist manner the horrors of the Spanish Civil War. But, as we know, not only the Cubism of Picasso has become War one of the themes of the first half of the twentieth century. The very emergence - and the validity of the European avant-garde - is established from the outrage over the atrocities of war experienced by Europe. Also Dadaism and Surrealism are inspired by the absurdity of war in their creations. Heirs and/or partners of the avant-garde, the Brazilian modernist poets also portrayed the consequences and the terrors of war in their works. This paper attempts to reflect, based on the interpretation of four chosen poems, written by Vinícius de Moraes, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade on the presence of the war as an important issue not only as repudiation and criticism, but, mainly as a driver of actions and artistic creations in the second Brazilian Modernism (1930-1945).

Keywords: War, Brazilian Modernism, poetry.

INTRODUÇÃO

¹ Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO.



Inúmeras obras literárias têm a guerra como tema central. Muitas delas enfocam de maneira direta a temática, e se concentram fundamentalmente na Segunda Guerra Mundial ou na Guerra Civil Espanhola. Mas há outros que vão buscar em tempos imemoriais suas narrativas que retratam conflitos, combates travados, geralmente, por homens que, em busca de poder, causam dores e provocam destruição, deixando um vasto rastro de horror. Como exemplo de livros que tematizam a guerra temos a saga *O Senhor dos Anéis*, de Tolkien. Mas se pode mencionar também obras literárias cujos enredos estão centrados nos enfrentamentos de judeus e palestinos; nas guerras religiosas e na Guerra Fria, dentre outras. As experiências sobre a guerra e suas consequências têm sido demonstradas em diversos campos disciplinares e em diversas linguagens artísticas.

Na contemporaneidade, há autores que afirmam não haver efetiva distinção entre a primeira e a segunda guerra mundial. Nesse sentido, não se deveria distingui-las, pois há uma forte relação entre ambas. A Primeira Guerra, que durou de 1914 a 1918, deixou fortes “sequelas”, que se estenderam ao longo de anos, culminando na segunda, que inicia em 1939 e vai até 1945. O Holocausto, as inúmeras execuções de seres humanos, os campos de concentração, são consequências das instâncias desumanas que gerenciam as guerras ao longo de séculos e milênios.

Observando o panorama da relação entre guerra e literatura, ou da utilização da guerra enquanto tema literário, percebe-se, no caso do Brasil, que o modernismo brasileiro, principalmente na chamada fase áurea, (BOSI, 2013) refletiu, a partir de diferentes prismas e matizes, sobre as dores, os sofrimentos e os traumas provocados pela guerra.. A Primeira Grande Guerra Mundial (1914-1917) que ocorreu a partir de questões relativas ao assassinato do príncipe Austro-Húngaro Francisco Ferdinando, foi desastrosa. Afetou grande parte imensa da Europa, principalmente o eixo que teve a Alemanha como uma de suas participantes. Pouco mais de duas décadas depois do término da primeira guerra, eclode a segunda (1939-1945), com a invasão da Polônia por parte da Alemanha.

Pode-se ver, refletindo sobre os conflitos, que a guerra também deixou marcas profundas, nas *veias abertas* da América do Sul, para lembrar de uma das obras mais importantes de Eduardo Galeano. Pode-se mencionar os estragos deixados na Guerra das Malvinas, entre a Inglaterra e a Argentina. A dor remanescente da Guerra, que pode



receber inúmeros exemplos, como a do Holocausto, das terríveis experiências científicas realizadas, tendo como cobaias os prisioneiros de guerra.

Estética de Guerra

O presente artigo intenta, utilizando a interpretação de três poemas de autores do segundo modernismo brasileiro - Cecília Meireles, Vinícius de Moraes e Carlos Drummond de Andrade (MOISÉS, 2012 e Bosi, 2013) -, refletir sobre a maneira como a temática da guerra pode ser retratada, a partir de traços criativos, estilísticos diferenciados.

Veja-se, para iniciar as reflexões, o poema “Guerra”, de Cecília Meireles, inserido na obra *Mar absoluto*:

Tudo é sangue
que os rios desistem de seu ritmo,
e o oceano delira
e rejeita as espumas vermelhas.
Tanto sangue
que até a lua se levanta horrível,
e erra nos lugares serenos,
sonâmbula de auréolas rubras,
com o fogo do inferno em suas madeixas.
Tanta é a morte
que nem os rostos se conhecem, lado a lado,
e os pedaços de corpos estão por ali como tábuas sem uso.
Oh! os dedos com alianças perdidos na lama...
Os olhos que já não pestanejam como a poeira...
As bocas de recados perdidos...
O coração dado aos vermes, dentro dos densos uniformes...
Tanta é a morte
que só as almas formariam colunas,
as almas desprendidas...-e alcançariam as estrelas

os rios espavoridos como tigres, com suas máculas,
e as máquinas de entranhas abertas,
e os cadáveres ainda armados
e a terra com suas flores ardendo,
e este mar desvairado de incêndios e naufragos,
e a lua alucinada de seu testemunho,
e nós e vós, imunes,
chorando, apenas sobre fotografias,
-tudo é tão natural armar e desarmar de andaimes
entre tempos vagorosos,
sonhando arquiteturas!!!" (MEIRELES, 1983)



A menção à cor vermelha, diretamente relacionada ao sangue vertido nas guerras, imprime, já no início do poema, uma forte dramaticidade: Tudo é sangue/ que os rios desistem de seu ritmo,/e o oceano delira/ e rejeita as espumas vermelhas.” O eu lírico remete o leitor, nesse trecho, para o enfrentamento entre a natureza, representada pelo oceano e pelos rios, apontando para a deformação provocada pela insanidade de conflitos que não se resolvem pacificamente. O oceano delira e os rios desistem de sua faina de levar água e alimentar a vida. As espumas brancas do mar, símbolo da paz, não combinam com as atrocidades que provocam conflitos sangrentos.

E continua o poema: “Tanto sangue/ que até a lua se levanta horrível,/ e erra nos lugares serenos,/sonâmbula de auréolas rubras,/ com o fogo do inferno em suas madeixas”. A lua, satélite que embeleza as noites do planeta terra, utilizada em inúmeros poemas e canções, transforma-se em uma sonâmbula, pois suas auréolas tornam-se rubras, pesadas pelo sangue que carregam. A comparação ocorrida a partir do campo semântico da cor vermelha, atinge seu ápice ao mencionar “o fogo do inferno”. O vermelho, agora, remete à tentação e às consequências de quem mexe com instâncias fundamentais da natureza humana, como a paz, a solidariedade, a ética.

Em seguida, vem o trecho: “Tanta é a morte/que nem os rostos se conhecem,/lado a lado,/ e os pedaços de corpos estão por ali como tábuas sem uso”. Um humano desconhece outro, pela supremacia de um poder que empurra o combatente ao abismo, ao matar seu semelhante. Na morte, o corpo mutilado não se assemelha mais a si mesmo e não pode ser comparado, também, a outros seres humanos. O corpo perde sua função, torna-se coisa, e a morte desvela isso, não enquanto obviedade, pois a própria guerra aponta para o non-sense, mas como ratificação da falta de sentido. O dadaísmo e o surrealismo, vanguardas que nasceram sob os temores e tremores da guerra (TELES, 2009) simbolizam bem esse sentimento de impotência diante de uma loucura das elites governantes, assumida enquanto sanidade, na ânsia imperialista do domínio:

E mais: “Oh! os dedos com alianças perdidos na lama.../ Os olhos que já não pestanejam como a poeira.../ As bocas de recados perdidos.../ O coração, dado aos vermes, dentro dos densos uniformes.../ Tanta é a morte/que só as almas formariam colunas,/as almas desprendidas. – e alcançariam as estrelas. A menção aos dedos



mutilados com alianças, nos remete à perda das marcas humanas, do concerto, do acordo firmado, nos relacionamentos, que culminam, no caso amorosos, na utilização de um anel de ouro para firmar o compromisso de cooperação mútua. E essa aliança, é jogada na lama dos acordos e desacordo das elites governantes que não põem em primeiro plano, em suas gestões, a liberdade e as aspirações de amor e paz entre as pessoas. Com a aliança vão partes do corpo, representadas metonimicamente pelo dedos. Os olhos abertos, assustados, alertas, as bocas já não têm função, pois não há interlocução humana possível, os sentidos, como os recados se perdem, se confundem. E o coração, órgão vital, é dado aos vermes. Mas isso não se dá naturalmente, como ocorreria no falecimento de qualquer ser humano. Isso ocorre dentro dos uniformes, mortalha que acompanha o soldado, mesmo quando em vida, pois o combate, por si mesmo leva o coração - a paz, a vida -, à morte. O uniforme, por si mesmo, representa a unificação, a perda de matizes múltiplos, de liberdade de escolha, fundamentais para a paz entre os povos. É esse uniforme que abriga um coração morto.

67

Tanta é a morte que não mais o corpo responde, pois não há sentido para a vida. Quem formaria colunas, ergueria objetos e monumentos seriam as almas. Pois o corpo humano perde sua função e vitalidade. As almas, as instâncias sobrenaturais ou ontológicas assumem, na falência do corpo, a responsabilidade de lutar pela preservação da vida. Nessa empreitada de superação da insanidade, surge a aspiração a outros mundo, a lugares onde a vida seja respeitada, o espaço estelar.

E continua a voz lírica, reiterando o uso de conjunções aditivas, utilizando o polissíndeto para enfatizar a reflexão sobre as instâncias das consequências dos conflitos armados: “os rios espavoridos como tigres, com suas máculas, / e as máquinas de entranhas abertas,/e os cadáveres ainda armados / e a terra com suas flores ardendo,/ e este mar desvairado de incêndios e naufragos,/ e a lua alucinada de seu testemunho”.

Como feras, os mananciais vitais - que a voz poemática representa, mencionando os rios -, transtornam-se e as armas da morte, as máquinas, destroçadas na batalha, somam-se aos mortos que ainda empunham as mesmas armas que os matam. E, no conjunto de insanidades, vive-se nos desvarios das dores e dos sofrimentos, em meio à abundância de víveres e de harmonias propiciadas pela natureza. São as flores que ardem, ao invés de exalar perfumes: “e nós e vós, imunes, chorando, apenas sobre fotografias,-/



tudo é tão natural /e desarmar de andaimes/entre tempos vagorosos,/ sonhando arquiteturas!!!" Conclui o poema: A sociedade, como que distante, alheia às atrocidades de holocaustos e morticínios em massa, chora um choro que se desfaz em individualismos e egoísmos sem freio. E os edifícios egóticos, imperialistas, continuam sendo erguidos, sobre os mesmos patamares da tradição, edifícios em que se erguem sob os auspícios do poder, da incompreensão, da ganância e/ou da propriedade privada.

O poema e a Rosa

Novamente a flor, que “ardia” no poema de Cecília Meireles, surge como par antagonico das armas de guerra, agora no texto de Vinicius de Moraes, que se tornou letra de uma das canções mais emblemáticas da literatura brasileira, no que diz respeito ao tema dos conflitos internacionais. O autor de “Garota de Ipanema” com sua “Rosa de Hiroshima”, torna-se um dos autores brasileiros que melhor soube explorar poeticamente os horrores advindo dos conflitos bélicos. É um dos grandes exemplos de exploração poética da dor, do desespero e do espanto com as atrocidades cometidas em nome do poder, do imperialismo e de outras diversas desculpas absurdas para promover conflitos:

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas, oh, não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroshima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A anti-rosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa, sem nada (Moraes, 2008, 1337)

A reflexão acerca das feridas deixadas pela guerra, pela alteração da rota da própria existência representada pela mulher em cujo corpo germina a vida, marca a letra dessa conhecida canção de Vinicius de Moraes, não foi aqui exposta de maneira lírica,



como seria de se esperar, em se tratando do autor de sonetos e canções inesquecíveis. E tal reflexão consta em inúmeras obras primas do modernismo brasileiro. A guerra é um grande tema propulsor. Pensar nas feridas como rosas cálidas”, é um gesto que também se espalha pelos campos dos poemas do segundo ciclo modernista, por muitos denominado ciclo áureo ou de cristalização. Nessa fase, a ruptura com a tradição beletrista, representada por autores como Alberto de Oliveira, Raimundo Corrêa e Ollavo Bilac, já havia se consolidado.

As instâncias sangrentas da segunda Guerra mundial, surgiram como forma de cerceamento, acabaram se tornando ponto de partida para a criação de obras importantes. Ainda no já mencionado poema de Vinícius, no trecho final, pode-se perceber o jogo antitético entre tradição e modernidade, quando tanto uma quanto outra tornam-se uma espécie de potência radicalmente letal: “(...) rosa de Hiroshima/A rosa hereditária”. Herdeira de outras flores do mal, a radiação é filha dos tempos modernos, da máquina, “A rosa radioativa/ Estúpida e inválida”. A singeleza e sensibilidade da flor, com seu perfume e sua beleza, cedem, na força da cobiça e do empoderamento dos egocêntricos e bélicos governantes mundiais. Saudável, a rosa adoece, acometida pela corrosão da dor, da perda, da desesperança, “A rosa com cirrose/ A anti-rosa atômica,” torna-se “Sem cor sem perfume/Sem rosa, sem nada”. O rosa marcante da feminilidade e da sensibilidade, retoma o cinza, o “gris”, que Baudelaire usou como cor representativa da modernidade que, em sua época ascendia.

69

Instâncias da Guerra na literatura

Às tendências artísticas do início do século XX, que, na maioria das vezes, provinham da França, costuma-se denominar de Vanguardas Europeias. Paris era o centro cultural da Europa. Nessa cidade gestavam-se as futuras rupturas artísticas que já vinham ganhando corpo, desde o início do século XX. Os horrores da guerra atraíram o olhar de autores como o austríaco Georg Trakl, que se suicidou em 1914, e os alemães Ernst Stadler, Alfred Lichtenstein, August Stramm e Kurd Adler, todos mortos entre 1914 e 1916. *Im Westen nichts Neues (Nada de novo no front, 1929)*, de Erich Maria Remarque



é um dos mais conhecidos romances do período da Primeira Guerra mundial. A obra mostra como o entusiasmo dos jovens em relação à guerra se modifica.

As questões políticas da República de Weimar, (Alemanha) não demorariam a desembocar no Regime Nazista e na Segunda Guerra. Elas foram bem retratadas em *Berlin Alexanderplatz* (1929), romance de Alfred Döblin, e nas obras de expressionistas de autores como Bertolt Brecht, que sobreviveram à guerra. Vários autores importantes das vanguardas europeias faleceram durante a guerra. (DOMENECK, 2014)

No Brasil, Carlos Drummond de Andrade sentiu intensamente as consequências da Guerra, criou, inclusive, traduções de poemas espanhóis em plena Ditadura Vargas. Ou seja, ele estava falando da Espanha, mas também estava tratando de seu país:

Notícias de Espanha

Notícias de Espanha

Aos navios que regressam
marcados de negra viagem,
aos homens que neles voltam
com cicatrizes no corpo
ou de corpo mutilado,
peço notícias de Espanha.
Às caixas de ferro e vidro,
às ricas mercadorias,
ao cheiro de mofo e peixe,
às pranchas sempre varridas
de uma água sempre irritada,
peço notícias de Espanha.
Às gaivotas que deixaram
pelo ar um risco de gula,
ao sal e ao rumor das conchas,
à espuma fervendo fria,
aos mil objetos do mar,
peço notícias de Espanha.
Ninguém as dá. O silêncio
sobe mil braços e fecha-se
entre as substâncias mais duras.
Hirto silêncio de muro,
de pano abafando boca,
de pedra esmagando ramos,
é seco e sujo silêncio
em que se escuta vazar
como no fundo da mina
um caldo grosso e vermelho.
Não há notícias de Espanha.
Ah, se eu tivesse navio!
Ah, se eu soubesse voar!



Mas tenho apenas meu canto,
e que vale um canto? O poeta,
imóvel dentro do verso,
cansado de vã pergunta,
farto de contemplação,
quisera fazer do poema
não uma flor: uma bomba
e com essa bomba romper
o muro que envolve Espanha.

Notícias de Espanha
Aos navios que regressam
marcados de negra viagem,
aos homens que neles voltam
com cicatrizes no corpo
ou de corpo mutilado,
peço notícias de Espanha.
As cicatrizes são o resultado (DRUMMOND, 2012, 537-538-539)

Apontando para os conflitos inerentes à Guerra Civil espanhola, o eu lírico utiliza reiteradas vezes o refrão: “peço notícias de espanha”, sabendo que as ocorrências se constituem como destruição da racionalidade humana. Os navios que regressam, os sobreviventes, estão marcados pela macabra atividade de matar ou morrer, por ideais que quase nunca combinam com a dos jovens mortos. As cicatrizes que marcam o corpo, maculam a alma apontam para as atrocidades da Guerra Civil espanhola.

O eu lírico não pede notícias às pessoas, e sim aos objetos: “às caixas de ferro e vidro, às ricas mercadorias, ao cheiro de mofo e peixe; às pranchas sempre varridas/ de uma água sempre irritada”. As notícias pertencem “às gaivotas e “aos mil objetos do mar”. Mas, denuncia a voz lírica, “ninguém as dá”. Tudo se envolve em silêncio “de muro”, de “pano abafado na boca”. Conclui a voz poemática que não há notícias de Espanha. A repressão cala as vozes. Remetendo a um certo clima das cantigas de roda, das brincadeira infantis - “se eu tivesse um navio”, “se eu pudesse voar” -, o a voz lírica reflete sobre uma forma de explodir o muro da Espanha. Realmente, quem parece poder dar notícias da guerra são “os navios que regressam ”marcados de negra viagem,/aos homens que neles voltam/ com cicatrizes no corpo/ ou de corpo mutilado. Os combatentes, que voltam das negras, tenebrosas viagens dos campos de batalha.

A voz poemática drummondiana - que em obras como *Sentimento do mundo*, aponta para a necessidade de se seguir atento à importância da solidariedade” - perde



sua potência. Fica rouca de tanto gritar contra as instâncias irracionais da guerra, dos holocaustos, das lutas armadas. A voz poemática, de “Mãos dadas” prescreve um bálsamo, a saída para o caos: “O presente é tão grande, não nos afastemos./ Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas” (ANDRADE, 2012, 240), . Mas os ruídos parecem ensurdecer os promotores das guerras. Para isso, parece dizer o eu-lírico dos três poemas aqui comentados, necessita-se, sempre, que as palavras se munam de novas forças para romper os silêncios e saber notícias de Guernica, de Hiroshima, de Monte Castelo, Auschwitz-Birkenau e de tantos outros “locus” que serviram de cenário para carnificinas, de maior ou menor poder de destruição.

Conclusão

Os três poemas escolhidos, cada qual apontando para um “locus” de horror; de guerra, carregam a marca do questionamento e o estarecimento diante da insensatez de quem promove ou aceita combates armados. Mais ainda, quem provoca a dor de outrem, por motivos, geralmente econômicos e políticos, centrados no imperialismo e/ou na incompreensão. O modo verbal, imperativo, marcante de “Rosa de Hiroshima”, apela à memória, orienta os leitores/expectadores, reiteradas vezes: “pensem!!!”, “não se esqueçam!!!” Essa ordem, para dar fim às injustiças, não se distancia do pavor manifestado no poema Guerra, de Cecília Meireles, que remete à quantidade de sangue derramado em vão: “Tudo é sangue”. Em Drummond, o eu lírico denuncia o silêncio sobre a profundidade dos perigos provocados pelo nonsense ou, pior ainda, do cálculo desumano de quem promove a Guerra. Aspirar por “notícias de Espanha” é, também, desejar desvelar o que se oculta nas intenções das grandes guerras, incluindo nelas todos os conflitos com grande número de vítimas, como guerra Civil Espanhola, a Primeira Guerra e a Segunda-Guerra (com seus terríveis campos de concentração).

A Literatura, como se tentou demonstrar no presente texto, com ênfase no segundo modernismo brasileiro, revela, de maneira significativa e criativa, nuances dos conflitos bélicos que se perderiam no tempo e/ou na linguagem bombástica do ódio. Metaforicamente, a guerra ressurgue nos poemas trabalhados, como obra prima forjada no terror, no extermínio, na dor. Mas a beleza que se extrai desses poemas, ao invés de silenciar a voz que denuncia o terror, amplia seu campo de abrangência. O modernismo



brasileiro utilizou as instâncias bélicas dos grandes conflitos, como ponto de partida para aproximar, cada vez mais, a arte, da vida, a ficção da sociedade.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia 1930-62**. São Paulo: Cosac Naif, 2012.

BOSI, Alfredo Bosi. **A literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2013.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. tradução de Galeano de Freitas, Rio de Janeiro, Paz e Terra, ,s.d.

TELES, Gilberto, Mendonça. **Vanguarda Europeia e modernismo brasileiro**. Petrópolis, 2009.

DOMENECK, Ricardo. A literatura na Primeira Guerra Mundial, 2014: <http://www.dw.com/pt-br/a-literatura-na-primeira-guerra-mundial/a-17606784>
capturado em: 02/04/2017

MEIRELES, Cecília. **Mar Absoluto**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1983,

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Brasileira através dos textos**. São Paulo: Cultrix 2012.

MORAES, Vinícius. **Poesia Completa e prosa**. Rio de Janeiro. Aguilar, 2008.